

# 'Se não agora, quando?'

Olhares das artes  
e da educação  
para a liberdade

Título: «Se não agora, quando?» – Olhares das Artes e da Educação para a Liberdade

Autores: Vários

Organizadoras: Ana Tudela de Sousa, Ana Catarina Monteiro, Mónica Oliveira, Rita Basílio

Revisão: Adonay Moreira (CICS.Nova.IPLeiria)

E-book

1.ª Edição. Maio 2025

© Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA)

Capa: José Teófilo Duarte (DDLX)

Arte final: José Teófilo Duarte e João Silva (DDLX)

ISBN: 978-989-8964-61-8

Propriedade: CIEBA – Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes

Universidade de Lisboa

Largo da Academia Nacional de Belas-Artes

1249-058, Lisboa, Portugal

Este livro integra o Projecto «Confí-Arte + Arte–Cidadania» (CIEBA; IELT)

coordenado por Rita Basílio e Ana Catarina Monteiro

Várias Vozes & Textiverso

site: <https://variasvozes.weebly.com>

Esta edição respeita a opção de cada autor relativamente à ortografia e normas da língua portuguesa.

## 'Se não agora, quando?'

### Olhares das Artes e da Educação para a Liberdade.

#### **Organização**

Ana Tudela de Sousa

Ana Catarina Monteiro

Mónica Oliveira

Rita Basílio



## Índice

O mais alto feito é sempre a liberdade.....6 António Sampaio da Nóvoa	6
Mais vale tarde do que nunca! .....8 Apresentação por Teresa Torres de Eça	8
Um livro <i>aberto</i> . Para a liberdade.....12 Pelas Organizadoras	12
<b>Olhares da Educação</b> .....17	17
Ofício do professor: entre atividades de tradução e buscas de justiça cognitiva .....18 Luiza Cortesão	18
Tempos para a educação: em modos de espera para uma libertação.....26 Fernando Rosa Dias	26
Educação e desenvolvimento: caminhos partilhados em cooperação .....43 Júlio Santos e Ana Poças	43
Olhos bem abertos: o que perdemos com a inteligência artificial generativa na educação.....52 Mary Burns	52
Sobre a educação: a matança dos tenrinhos.....73 Gonçalo M. Tavares	73
<b>Olhares da Educação Artística</b> .....77	77
«Se o professor quiser»: As artes na educação das crianças e a escola como lugar democrático....78 Ana Tudela de Sousa	78
Educação artística e democracia: repensar conceitos e práticas na era da pós-verdade .....98 Leonardo Charréu	98
Cartografias para pensar a educação artística e a cidadania na atualidade .....116 Mónica Oliveira	116
Liberdade para o futuro com artes, museus, tecnologia e educação: experiência Museari.....125 Ricard Huerta	125
A educação artística, no porvir da educação .....145 César Israel Paulo	145
Arte-educação, liberdade e democracia: «Amanhã há de ser /outro dia» .....153 Rosa Iavelberg	153

Vamos falar da Educação a partir do n.º 27 .....165 Sandra Palhares	165
Confi-Arte: as artes como catalisadoras de mudança e espaços de liberdade.....175 Ana Catarina Monteiro	175
A vida cá fora antes de nós: «A praia de Carcavelos no tempo dos nossos bisavós» .....192 Tatiana Pereira e Carla Carvalho	192
Confiar (n)a vida: alguns apontamentos sobre memória e mudança .....197 Rita Basílio	197
<b>Olhares das Artes</b> .....217	217
Conhecer o desconhecido .....220 Pedro Proença	220
«A liberdade está a passar por aqui» hino aos mundos e aos outros que em nós habitam .....228 Fernando Quintas	228
O corpo e o gesto.....234 José Teófilo Duarte	234
A palavra precisa de ternura .....236 Ana Nogueira	236
Que a vida nos saiba bem .....238 Cátia Mazari Oliveira	238
Poéticas revolucionárias .....240 Manuela Pimentel	240
Debaixo da mesa .....242 Inês Oliveira	242
Sonha .....244 Vitor Hugo Matos	244
Liberdade .....246 Claudia Salgueiro	246
Canção sem final.....248 João Monge	248

## Cartografias para pensar a educação artística e a cidadania na atualidade

Mónica Oliveira\*

A vida na atualidade foge-nos por entre as mãos, o tempo voa, imparável. Vivemos a voracidade do tempo com a rapidez de um cronómetro. É um tempo que não se fixa, um tempo que nos faz sentir em falta, atrasados a todo o instante. Esmagados pelo tempo, já não nos podemos permitir esperar por nada, somos impacientes e alérgicos à perda de tempo e, por isso, muitas vezes, ou quase sempre, resignamo-nos e abdicamos da coragem de viver plenamente o presente, o agora, o momento. Hoje damos prioridade ao amanhã, pois buscamos a extensão e a duração do tempo. Este tempo que não temos tolhe-nos a visão. Não nos permite ver, sentir, refletir, atuar, transformar. Quantas vezes nos escudamos em desculpas para desviar o olhar da nossa própria vida, optando por nos mantermos a uma distância segura, hesitando ou evitando o confronto com ela? O que nos faz correr? Porque vivemos com pressa de encontrar o tempo? Para sermos felizes? E somos? Enquanto não perdermos a esperança de sermos felizes, sim (Bauman, 2008). E, portanto, «a chave para a felicidade e o antídoto do sofrimento é manter viva a esperança de nos tornarmos felizes» (Bauman, 2008, p.28), mas, para isso, precisamos de nos «reconciliar com o tempo» (Tolentino de Mendonça, 2014).

A vida é plena de subtilezas, mas só se desvela àqueles que se deixam envolver pela melodia do tempo. Precisamos de uma extensão do tempo para sermos nós próprios, sem condições (Fernando Pessoa). Quando nos permitimos usufruir do tempo, a vida torna-se mais clara e inteligível. Somos capazes de decifrá-la com maior clareza e até mesmo acolhê-la numa transparência que outrora nos escapava. Mas o que vemos?

Uma era volátil e «vulnerável» (Castel, 2005), caracterizada pela incerteza, pela rápida mudança, pela transitoriedade do conhecimento que se ultrapassa a si mesmo, em que a verdade dá lugar às *fake news*. Vivemos numa sociedade «líquida» (Bauman), onde o Estado da Nação, as suas fronteiras e possibilidades, está sistematicamente a (re)definir-se pelas dinâmicas globais contemporâneas: a mobilidade humana sem antecedentes, as assimetrias sociais, culturais e económicas mais acentuadas do que nunca, o aumento dos conflitos armados, o retrocesso da

democracia, o declínio da liberdade humana, uma hegemonia digital nunca vista e as alterações climáticas são alguns dos exemplos que estão na base no desmoronamento do planeta. Uma crise de proporções inimagináveis afeta-nos como «indivíduos, como comunidades, e desafia a sobrevivência da nossa espécie» (Robinson & Robinson, 2023, p.22). Vivemos hoje ao ritmo das grandes transformações mundiais, «extremamente dinâmicas, frenéticas e ansiosas» (Lipovetsky, 2007) e que são já um sinónimo de esgotamento social, influenciando diretamente a nossa casa comum, a Terra, e a própria continuidade da nossa existência.

Vivemos num mundo «inquietamente incerto» (Bauman, 2008), que nos mostra a nossa vida a colapsar num tempo que é, simultaneamente, causa e efeito. E, perante este panorama, apodera-se de nós uma apatia generalizada, uma falta de conexão humana, quer pelo crescente individualismo, quer pela falta de solidariedade entre os indivíduos, quer ainda pela ausência de valores.

Parece que não sentimos que temos uma tarefa ou missão a desempenhar no planeta e que não temos nenhum legado cultural a preservar. O porvir escapa «às descrições convencionais e desafia as previsões estabelecidas». (Bauman, 2008, p.63). Falta-nos arquitetar novos mundos, projetar utopias que possam vislumbrar o fim da inconstância, do desconforto e da instabilidade. Não avistamos causas e, receosos, hesitamos em abraçar compromissos sérios, sacrifícios por um bem maior. Padecemos de uma crescente «compromissofobia» (Jeffries, cit. por Bauman, 2008). E esta situação prende-se com a transitoriedade e a descrença no tempo em que vivemos, com a falta de ideologias, com a inércia e a incapacidade de projetar novos mundos reais, não virtuais, e, por isso, apenas podemos assumir compromissos meio descomprometidos, cuja eficácia é diretamente proporcional à duração da satisfação que eles produzem. No entanto, esquecemo-nos que somos herdeiros de uma cultura ancestral e precisamos de desenhar uma nova arquitetura planetária que possibilite esboçar novas formas exequíveis de imaginar o futuro. Alcançamos o ponto crítico da nossa jornada evolutiva «que está a gerar mais danos que benefícios» (Zewde, 2022), onde estes novos cenários e a nossa *performance* como atores envolvidos não podem ser negligenciados.

É tempo de fazer um balanço sobre o tipo de mundo que tecemos. Cabe-nos pensar e avaliar os desafios que enfrentamos coletivamente. E, neste contexto de grandes clivagens sociais, políticas económicas e culturais, onde existe uma progressiva individualização, a pergunta que se coloca é: – Quais serão os passos a dar passíveis de cimentar uma nova ordem social? E, nessa sequência, como formar o novo cidadão?

\* Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas-Artes, Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes (CIEBA). Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal.

É fundamental repensar as nossas relações com o mundo e adotar uma abordagem mais responsável e colaborativa para enfrentar os desafios atuais. É importante reconhecer a interconexão e interdependência entre todos os seres vivos na Terra e a necessidade de trabalharmos juntos para encontrar soluções sustentáveis para os problemas ambientais, sociais e humanitários. Precisamos de uma mudança de paradigma que supere a concepção dualista que separa o mundo natural do mundo social (Latour, 2023). Temos de encontrar uma visão que não se baseie em fazer distinções e criar fossos, pois esta dialética espelha a falha do nosso sistema. Em vez disso, é importante arquitetar uma abordagem mais simétrica, que possibilite criar sinergias e ligações, que reconheça os interesses e agências, tanto dos seres humanos, quanto dos não humanos. Um processo de constante ação, improvisação, avaliação e reorientação, à luz da experiência e das circunstâncias atuais. Temos de assumir compromissos com vista a uma visão mais compassiva e sustentável do mundo em que queremos viver e da vida que esperamos ter. Temos de apostar num caminho a trilhar que passe por pensar e agir de forma diferente no presente (Robinson & Robinson, 2023). Transformar mentalidades e comportamentos. Não podemos repetir o mundo. Temos de nos apressar a ser protagonistas da nossa história, autores na construção do nosso destino. Não podemos ser meros espetadores passivos, assistindo aos acontecimentos que tropeçam diante de nós. Este é o momento de nos ancorarmos no presente, de construir para edificar, para entretecer, o tempo que está por vir. E, para isso, é crucial «acreditar na perenidade do presente, na continuidade do devir, na previsibilidade do futuro» (Morin, 2021, p.27). Temos de (re)orientar o tempo para a construção de uma sociedade mais justa. Precisamos de uma visão estratégica e a educação é uma resposta para operar a mudança.

### **Tempo(s) para uma educação (trans)formadora**

Há que apostar na educação como um bem comum, que estabeleça pontos de convergência com os direitos humanos (Zewde, 2023), com a liberdade, com a democracia e a equidade. Pensar no indivíduo tendo como base uma nova identidade, seja ela pessoal, nacional ou planetária, com um futuro interdependente e partilhado. Mas, para isso, é necessário pensar em democratizar e descolonizar a educação. Abolir os discursos diretivos, uniformizadores e totalizadores dominantes, com a hierarquização entre as diferentes culturas e identidades, com o propósito de impulsionar sociedades mais inclusivas e abertas a ideias plurais.

A educação tem de celebrar os estudantes em toda a sua diversidade, responder à diferença, à divergência, em oposição à conformidade instalada. Precisamos de resistir à hegemonia de um conhecimento utilitarista que sufoca a criatividade e a curiosidade. Deixar de instigar um tempo de competitividade, assente no eu contra o outro, para assumir um espaço de colaboração tecendo redes entre todos. Devemos estruturar e organizar a experiência do tempo de uma outra forma. Deixar para trás a obsessão do tempo para lecionar conteúdos ou a cronometria do tempo que julga os estudantes através de métricas cegas. Esta visão do tempo esgota a noção de educação. Estes são alguns dos pressupostos que nos mostram que não é suficiente pensar em renovar as práticas educativas existentes, mas, sim, encontrar outras diferentes (Robinson & Robinson, 2023).

A educação deve ir ao encontro de um tempo que busque inquietudes reais e (re)construa significados, novos modos de perceber a realidade, encurtando o espaço entre o que se aprende na sala de aula e a sua importância para a nossa vida. E, neste contexto, a questão (re)coloca-se com nova acuidade: como é que a educação, em si mesma, se desvela como um espaço e um tempo de promoção de cidadania?

A educação, face a todos os desafios que estamos a viver, deve incidir a sua ação na formação de estudantes que saibam interatuar com a realidade complexa e multidimensional, fazendo com que eles compreendam o mundo que os rodeia. A educação, ancorada na «condição humana» (Morin, 2011), deve criar oportunidades e proporcionar caminhos para o avanço individual e coletivo do ser humano, educando para todas as dimensões da vida. Tal significa promover a importância da responsabilidade cívica e do respeito mútuo, defender o direito à autodeterminação, reconhecer talentos, desenvolvendo «um novo paradigma de capacidade humana para enfrentar uma nova era da existência humana» (Robinson & Robinson, 2023, p.121): aquela que se denomina como «era da inovação» (Wanger, 2020).

Para tal, é necessário oferecer experiências significativas aos estudantes, que os preparem para a vida, pressupondo o encontro com a incerteza, a dúvida e o desconhecido, tendo em consideração o pleno desenvolvimento da personalidade humana e o fortalecimento dos direitos humanos e liberdades fundamentais, por meio de uma pedagogia relacional. Proporcionar-lhes uma mundividência global, através de oportunidades educacionais que os ajudem a compreender e a apreciar a diversidade cultural, social, económica e política, à escala local e global. Por

outras palavras, é necessário fomentar uma perspectiva ampla e inclusiva do mundo, que transcenda as fronteiras geográficas e culturais e promova a compreensão intercultural e a consciência global para que entendam, respeitem e promovam a tolerância e a coexistência da diversidade cultural, os valores e os comportamentos que caracterizam os diferentes grupos sociais.

### O contributo da educação artística na formação para a cidadania

A relação entre o estudante e o tempo que o rodeia, construída numa dinâmica constante com os espaços físico, social, histórico e cultural, coloca à educação artística o desafio de assegurar a sua preparação como leitor e escritor da sua própria vida, preparando-o para as múltiplas exigências da sociedade contemporânea. A complexidade e a acelerada transformação que caracterizam o tempo presente conduzem-nos à necessidade do desenvolvimento de diversas competências fundamentais para formar um cidadão «culturalmente desenvolvido e ideologicamente preparado.» (Oliveira, 2017, p.14). De acordo com os estudos mais recentes, existem sete competências, mais ou menos consensuais, para que o indivíduo possa questionar, investigar, compreender, idealizar, transformar e construir: o pensamento crítico e a resolução de problemas; a colaboração; a criatividade, a curiosidade e a imaginação; a comunicação; o acesso e a análise de informações; a agilidade e a adaptabilidade; e a iniciativa e o empreendedorismo (Wanger, 2013). E, na educação artística, todas estas competências têm um lugar e um tempo privilegiado.

Tendo por base a diversidade artística e cultural, a sua dinâmica e o seu caráter heterogêneo em constante evolução, a educação artística funciona como uma área do saber, uma ferramenta educativa, um campo de investigação e de prática, que pode transformar e revitalizar a educação. A arte, objeto central da educação artística, não é uma entidade estanque, a sua inquietude é composta por um património vivo, é plástica e move-se num território flexível, que transita de acordo com os tempos e não cessa de ser (re)figurada e (re)significada por cada artista e por quem a frui. Torna-se um lugar de encontro, de indagação, de espanto, de provocação ou mesmo de estranheza. Apresenta-se com um discurso disruptivo, com questões, hesitações. Promotora de dissidência, de empatia, de singularidade, a arte tem o poder único de inspirar, provocar reflexão e catalisar mudanças positivas na sociedade, tornando-se um espaço de ação valioso na busca por um futuro mais justo, inclusivo e sustentável.

Senão, vejamos, as obras de arte são feitas de muitos tempos, tempos insolúveis; muitas vezes, apaziguam-nos, trazem consigo o deleite, outras vezes, deixam-nos apreensivos ou angustiados. As obras falam de nós, de artistas, do seu contexto histórico, cultural e social, da sua técnica, das várias histórias e instantes que encerram em si mesmas. E, porque falam de nós e conosco e nos mostram o mundo, funcionam como janelas abertas por onde podemos espreitar diversas realidades. Estamos perante um tempo de fruição, de revelação, onde se constroem pensamentos, experimentam sentimentos, entretecem conhecimentos. A partir deste espaço dilatado e intemporal, abrem-se diferentes hipóteses e caminhos na educação. Partindo das obras de arte e dos seus processos criativos, podemos explorar temas e tempos da humanidade e realçar o sentido de comunidade (Gaudelius & Speirs, 2002). Falar de identidade de género, liberdade, ambiente, racismo, guerra ou de qualquer outro assunto, distanciando-nos da normalização ou formatação da experiência humana. É no encontro da obra com os estudantes que se ativam experiências multissensoriais, que as questões surgem, que se vislumbram os problemas, que se tem acesso e analisa a informação, se acionam os processos de interpretação e o diálogo se introduz. Propõe-se a comunicação como um caminho a calcorrear para apropriação do que veem, ouvem, leem, falam, escrevem, interpretam ou argumentam. Deste cruzamento nasce uma nova estrada que os leva à criticidade, ao pensamento divergente, subjetivo, rizomático e crítico (Acaso & Megías, 2017). A arte satisfaz-se na relação, na alteridade. A arte proporciona espaços e tempos para questionar, pensar, debater, tentando entender a complexidade e os problemas desconhecidos, entrelaçando conceitos, ideias, formas, discursos, materiais e objetos, onde o fim se mantém em aberto e todas as respostas são bem-vindas, num processo democrático, participativo, tão necessário para um ambiente educativo mais inclusivo e diversificado.

Através da educação artística, os estudantes acedem a uma diversidade cultural e a um património artístico sem fronteiras, a formas de pensar e agir diversas, permitindo-lhes construir uma perceção mais abrangente do mundo e ser contemporâneos do seu próprio tempo. Esta visão alargada viabiliza a expressão e o desenvolvimento das suas identidades, comunicando de maneiras únicas, promovendo o desenvolvimento integrado e interrelacionado de competências cognitivas, emocionais e sociais (SEL). Assim, o enfoque da educação artística não busca apenas o sucesso académico dos estudantes, mas também o seu crescimento emocional social e espiritual (Dweck, 2021), o autoconhecimento, a autogestão, a

consciência social, a relação interpessoal, a tomada de decisão responsável e a empatia. Estas habilidades promovem a ideia de um «*mindset* de crescimento» (Wan-ger, 2021; Dweck, 2021), essencial para o sucesso pessoal e profissional na sociedade atual. Aprender a ter empatia, a cooperar, a combater preconceitos e ideias, a ser resiliente e a gerenciar conflitos, reforça a autoconfiança e a motivação dos estudantes e, por conseguinte, a sua capacidade de atuar de forma pró-ativa no mundo, enfrentando os desafios e crises locais e globais.

É importante referir que a construção da expressão e comunicação individual, com vista a um crescimento académico e emocional dos estudantes, surge no aprofundamento de uma flexibilidade sobre os seus processos criativos, na experiência como forma de aprendizagem. A educação artística «funciona como uma oficina de experimentação de conhecimento, mas também a formação de capital humano, que espelha o olhar sobre cada indivíduo e sobre a vida planetária» (Oliveira, 2023, p.21). E, com ela, surge um tempo de prazer, de fruição, um lugar (trans)formador. A arte, geradora de ideias e conceitos, concede palco ao processo artístico, à criatividade e à inovação, habilidades cada vez mais valorizadas numa economia globalizada e em constante mudança. A criatividade, latente nas obras artísticas e no seu processo de produção, fomenta a curiosidade, a imaginação e a originalidade, permitindo aos estudantes criar ideias e soluções divergentes, descobrir alternativas para solucionar problemas, transformar ideias pré-existentes em novas oportunidades, repensar paradigmas existentes e gerar novos conhecimentos. Propõe aprender a «mergulhar» no novo sem medo de errar, experimentar sem receio do estranho ou do inusitado. A criatividade, exercitada na educação artística, cria uma desenvoltura mental transferível para outras áreas do saber numa interação benéfica de experiências de aprendizagens inspiradoras e estimulantes (Ó, 2019). A criatividade pode e deve ser um veículo para a resolução de várias questões de ordem social, ambiental ou humanitária; pode, ainda, agenciar problemas do mundo real, desenvolver soluções inovadoras e viáveis e alavancar indústrias culturais e criativas sustentáveis, com base na iniciativa e empreendedorismo para prosperar num mundo em rápida mudança.

É nesta rota que emergem, na educação artística, um conjunto de cartografias pedagógicas, assentes num construtivismo crítico e numa abordagem relacional que conduzem a uma interseção entre o espaço vivenciado e o tempo emergente, intrinsecamente heterogéneo e sempre em construção. Estas práticas educativas, construídas de forma ativa e participada pelos diferentes interlocutores educativos,

num deambular permanente entre concetualização e produção técnica, concebem o conhecimento de forma holística, «integrando o pensar, o fazer, as emoções e as reflexões sobre o vivido» (Eça & Saldanha, 2022, p.64). São práticas plurais, diferenciadoras e impactantes, que possibilitam experiências de aprendizagem autênticas e transformadoras e aportam diferentes sensibilidades e novas formas de atenção, invenção e experimentação (Atkinson, 2012), buscando uma agilidade e uma adaptabilidade a novas situações, ambientes e tecnologias, à medida que o mundo evolui.

Termino, clarificando que este texto se institui, apenas, como um esboço, que encerra em si mesmo um espaço que não foi desbravado e, por isso, muito fica por dizer e aprofundar, num tempo imparável, sempre em marcha. No entanto, pode-se afirmar que a educação artística nos permite experimentar muitos tempos, tempos que narram visões do mundo e práticas pedagógicas que podem ser mobilizadas na educação como potenciais lugares de encontros e confrontos de opiniões e utopias. Propõe um tempo de prazer, de convergência que se abre à experiência, à relação, e contribui para uma nova postura ético-valorativa na construção de uma cidadania ativa e de desenvolvimento humano. Esta área do saber traduz-se na promoção de uma atitude, de um modo de estar em sociedade, que têm como referência os direitos e os deveres em diálogo, o espírito democrático, pluralista, crítico e criativo, que permite o exercício de esculpir futuros resilientes, justos e sustentáveis como suportes de convicções democráticas.

## Referências

- Acaso, M., & Megías, C. (2017). *Art thinking: Cómo el arte puede transformar la educación*. Ediciones Paidós.
- Atkinson, D. (2012). Contemporary art and art in education: The new, emancipation, and truth. *International Journal of Art & Design Education*, 31(1), 5-18. <https://doi.org/10.1111/j.1476-8070.2012.01724.x>
- Bauman, Z. (2000). *Modernidade líquida*. Zahar.
- Bauman, Z. (2008). *The art of life*. Relógio D'Água.
- Castel, R. (2005). *A insegurança social: O que é ser protegido?* Vozes.
- Delors, J. (1996). *Educação: Um tesouro a descobrir*. Cortez Editora.
- Dweck, C. (2021). *Mindset: The new psychology of success*. Shortcut Edition.

- Eça, T., & Saldanha, A. (2022). Reaprender a caminhar. *Convocarte: Revista de Ciências da Arte*, 13, 62-71. <http://convocarte.belasartes.ulisboa.pt/wp-content/uploads/2024/05/Convocarte-N13.pdf>
- Gaudelius, I., & Speirs, P. (2002). *Contemporary issues in art education*. Prentice Hall.
- Jeffries, S. (2007, agosto). To have and to hold. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2007/aug/20/shopping.homes>
- Latour, B., & Schultz, N. (2023). *Manifesto Ecológico Político*. Siglo Veintiuno.
- Lipovetsky, G. (2007). *A felicidade paradoxal*. Companhia das Letras.
- Mendonça, J. (2014). *A mística do instante: O tempo e a promessa*. Paulinas Editora.
- Morin, E. (2003). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Cortez Editora.
- Morin, E. (2011). Ensinar a condição humana. In E. Morin (Ed.), *Os sete saberes necessários para a educação do futuro* (pp. 47-59). UNESCO.
- Morin, E. (2021). *Lições de um século de vida*. Instituto Piaget.
- Ó. J. (2019). *Fazer a mão: Por uma escrita inventiva na universidade*. Edições Saguão.
- Oliveira, M. (2017). *A educação artística para o desenvolvimento da cidadania*. APECV.
- Oliveira, M. (2023). *Tempos (re)ligados pela arte: A arte do século XX como potenciadora do desenvolvimento das crianças do século XXI*. APEI.
- Pessoa, F. (2019). *Livro do desassossego*. Principis.
- Robinson, K., & Robinson, K. (2023). *Imagine como seria...: Criar um novo futuro*. Contraponto.
- Wagner, T. (2013, setembro). *Reinventing education for the 21st century*. (Co)lab Summit 2013 [vídeo]. <https://www.youtube.com/watch?v=54gzmXlPbsA>
- Wagner, T. (2020). *Learning by heart: An unconventional education*. Penguin.
- Wagner, T. (2020, 1 de dezembro). *Education for the innovation era*. NEASC Annual Conference and Showcase 2020 [vídeo]. <https://www.youtube.com/watch?v=X3vAlRyah0g>
- Zewde, S. (2022). Prefácio. In UNESCO (Ed.), *Reimaginar nossos futuros juntos: Um novo contrato social para a educação* (pp. VII-VIII). UNESCO, Comissão Internacional sobre os Futuros da Educação. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000379707>

## Liberdade para o futuro com artes, museus, tecnologia e educação: experiência *Museari* \*

Ricard Huerta\*\*

Em primeiro lugar, agradeço à Ana Sousa e a todas as pessoas envolvidas neste livro pela possibilidade de participar numa compilação que reflete sobre o nosso futuro enquanto docentes no campo da arte e educação, considerando a necessidade de formar professores a partir do respeito e da liberdade. Estou também orgulhoso por contribuir para a comemoração dos 50 anos da Revolução dos Cravos, um marco histórico que pude presenciar enquanto criança, através dos meios de comunicação, um momento importante para a Europa, uma vez que determina o final da ditadura em Portugal e representa a oportunidade maravilhosa que os cidadãos portugueses tiveram de demonstrar que as manifestações de ódio podem ser superadas em todos os sentidos.

A revolução portuguesa foi realizada pacificamente e comprometeu-se com a democracia enquanto sistema de coexistência. Como estas são questões que me afetam pessoalmente, pois sempre fui um apoiante do respeito, da liberdade e da luta pelos Direitos Humanos, escolhi partilhar uma experiência que assume a forma de projeto de pesquisa e inovação educacional. Esta é uma iniciativa na qual participo diretamente e que conheço enquanto observador envolvido. *Museari* é um museu *on-line* que defende os direitos humanos através da arte, da história e da educação artística. Decidi falar sobre este projeto porque atende às características que me foram solicitadas para esta colaboração. Espero que este livro, assim como as numerosas atividades comemorativas dos 50 anos da Revolução dos Cravos, sirvam para demonstrar o quão importante é defender as liberdades, pessoais e de grupos sociais, fomentando o respeito e a coexistência harmoniosa de diferentes formas de ser e estar.

Este artigo investiga como pode o *Museari* trazer para a formação de professores questões de diversidade sexual. Foca-se no recurso a um ambiente virtual que funciona como gerador de informação e, simultaneamente, elemento cativante

\* Tradução da língua inglesa para a portuguesa por Beatriz Tudela Lemos Sousa e Silva.

\*\* Universidade de Valência, Instituto Universitário de Criatividade e Inovações Educativas. Coordenador do Grupo CREARI de Investigação em Pedagogias Culturais. Diretor de *Museari*.